

Fundação Getulio Vargas

**Tópico:** FGV Social

**Veículo:** Folha de S. Paulo -  
SP

**Página:** Capa/A17

**Data:** 30/06/2020

**Editoria:** MERCADO

**Saída da crise deve  
aumentar distância  
entre ricos e pobres** A17

# Saída da crise deve se dar em forma de 'K' e ampliar desigualdade

Efeito do isolamento sobre trabalhadores e pacotes globais de ajuda abrirão distância entre pobres e ricos

**Fernando Canzian**

**SÃO PAULO** A recuperação das bolsas de valores globais em contraste com a destruição de empregos e rendimentos no mundo sugere que o aumento da desigualdade poderá ser uma das principais heranças da pandemia do coronavírus.

Nas especulações sobre o formato de saída da crise, em "V" (queda e recuperação) ou "L" (queda e estagnação), entre outros, o que vem se impondo é o "K": os mais ricos e companhias maiores ganhando e os trabalhadores e empresas menores empobrecendo, abrindo a distância entre os grupos.

Isso ocorre sobretudo por dois movimentos: 1) o isolamento social atingiu em cheio o setor de serviços, repleto de vagas precárias e salários baixos; e 2) a avalanche de dinheiro barato dos bancos centrais têm chegado com mais facilidade às grandes empresas e provocado a rápida revalorização de ativos como ações.

Segundo o Banco Mundial, 70% do empregos nos países em desenvolvimento são informais; em um terço deles, 4 em cada 10 trabalhadores cairiam imediatamente na pobreza se deixassem de trabalhar.

O aumento da desigualdade na recuperação deve se dar também entre países. Com mais poder de fogo para financiar pacotes de ajuda, as economias avançadas aumentarão a distância relativa sobre os países mais pobres, sobretudo os muito endividados.

A desvalorização de moedas dos emergentes deve aprofundar esse efeito, limitando a importação de tecnologia para elevar a produtividade futura. Nesse cenário, o Brasil pode ser particularmente afetado.

Além de ter a maior dívida pública como proporção do PIB entre os grandes emergentes, o Brasil tem dois terços das vagas de trabalho no setor de serviços, a maior parte delas informais.

Só entre janeiro e março, a metade mais pobre do país perdeu 6,3% de sua renda do trabalho na comparação com o último trimestre de 2019, segundo a FGV Social. Em contrapartida, os 10% no topo ganharam 0,8% a mais.

Os efeitos do isolamento em abril e maio foram ainda mais devastadores para os serviços, o que terá aprofundado a desigualdade de rendimentos.

Ao contrário dos informais, os trabalhadores com cartei-

ra (que ganham 40% mais do que os sem registro) tiveram um pouco de proteção no programa do governo que permitiu a redução de jornada e salário ou a suspensão temporária de contratos, que incluiu 10 milhões de trabalhadores.

Para os informais, restou a ajuda de R\$ 600 por três meses —que pode ser estendida, mas com valor menor diante da falta de espaço fiscal.

Resultado da deterioração do mercado de trabalho e do crescimento anêmico, o Brasil poderá ficar atrás de 89% dos países de uma lista de 192 na recuperação pós Covid-19, segundo o Ibre/FGV.

No Brasil e no exterior, os pacotes bilionários de ajuda a empresas também devem aprofundar a desigualdade, pois estão chegando com mais rapidez e em maiores quantias aos negócios que já dispõem de melhores condições.

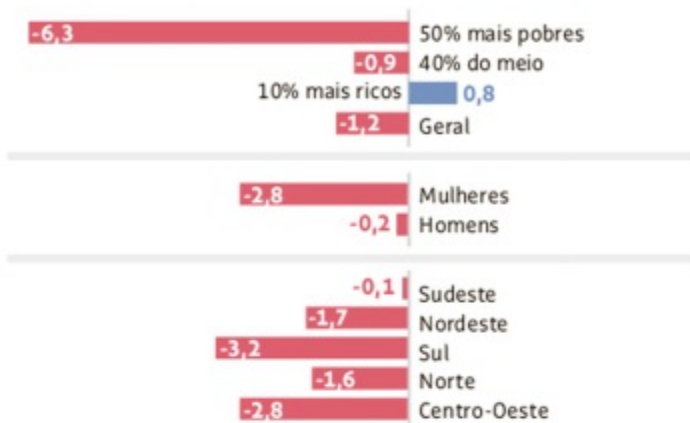
Nos EUA, estima-se que 82% das companhias que serão beneficiadas por isenções tributárias faturam mais de US\$ 1 milhão anuais. Ao todo, elas ganharão US\$ 195 bilhões em incentivos em dez anos.

Na contramão, só 5% das beneficiadas faturam menos de US\$ 200 mil anuais.



### Quem ganhou e quem perdeu no Brasil

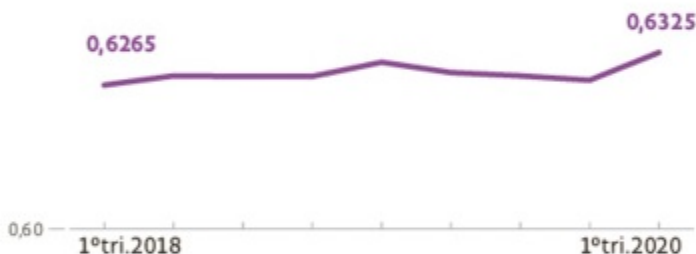
Queda da renda do trabalho, em % (1ºtri.20/4ºtri.19)



### Desigualdade volta a subir

Índice de Gini

0,65 —



Fonte: FGV Social a partir da PnadC e Ibre

Graças à ajuda sem precedentes de US\$ 3 trilhões em benefícios fiscais e dinheiro novo, os preços de algumas ações em Nova York não só recuperaram os níveis pré-pandemia como foram além, sobretudo na área de tecnologia.

Investidores mais ricos, que normalmente carregam portfólios mais diversificados, vêm se beneficiando indiretamente da fuga do dinheiro de renda fixa e juros baixos para aplicações de risco — o que explica a recuperação das bolsas.

Essa enorme liquidez também tem levado gigantes como a Amazon a tomar bilhões

de dólares no mercado de títulos corporativos pagando os menores juros já registrados. Para as médias e pequenas empresas, o mercado tem se tornado até mais restritivo.

O aumento da desigualdade nos EUA deve ocorrer também pela via do trabalho. Antes da pandemia, o país ostentava desemprego de 3,5% e havia estreitamento da diferença salarial entre brancos e negros — de um terço hoje.

Após o tombo histórico de abril, a economia americana criou 2,5 milhões de vagas em maio, e o desemprego cedeu de 14,7% para 13,3%. Os rendi-

mentos, porém, não acompanharam, e o desemprego entre os negros subiu 0,1 ponto.

Na Europa, onde a desigualdade interna nos países é relativamente menor, a pandemia deve aprofundar as diferenças salariais entre empregados formais e informais.

Regionalmente, países como Espanha, Itália e Grécia, com maior dependência do setor de turismo, também devem ser mais afetados.

As diferenças entre o norte e o sul do continente devem se aprofundar, reforçando os efeitos da crise da década passada, que resultou em menor espaço fiscal para países mais endividados (e menos ricos) socorrerem suas economias.

A OCDE estima que até o final de 2021 o mundo terá visto a maior perda de renda dos últimos cem anos, com a exceção dos dois períodos de guerra mundiais.

O aumento da desigualdade e os efeitos a longo prazo da crise devem ser particularmente severos sobre os mais pobres, especialmente na África e na América Latina.

A ONU prevê que a pandemia jogará cerca de 420 milhões de pessoas de volta à extrema pobreza no mundo, aumentando de 135 milhões para 265 milhões o total de habitantes que voltarão a sofrer períodos de fome crônica.

Se isso se confirmar, será um retrocesso imenso em uma tendência positiva que ganhou tração nos anos 1980, quando o total de miseráveis no mundo passou a encolher consistentemente de 43% da população para cerca de 10% até antes da pandemia.

No período, a melhora ocorreu na esteira do aumento da globalização, atualmente também colocada em xeque por líderes populistas em várias partes do mundo.